

## QUEM SÃO OS ESTUDANTES DA ESCOLA PÚBLICA NA VISÃO DOS SEUS PRINCIPAIS ATORES?

Aleson da Silva Fonseca (1); Juliclécia Kelly da Silva (2); Adriana de Souza Santos (3)

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [fonseca.aleson@gmail.com](mailto:fonseca.aleson@gmail.com);

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [juliclecia\\_kelly@hotmail.com](mailto:juliclecia_kelly@hotmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: [adss\\_santos@yahoo.com.br](mailto:adss_santos@yahoo.com.br)

**Resumo do artigo:** O papel do educador é extremamente importante, principalmente quando diz respeito a sua formação, pensando nisso, a universidade e as escolas se esforçam para atender as necessidades básicas da atual conjuntura educacional do nosso país. Esse trabalho tem como intuito compreender, a partir do Estágio Supervisionado, as percepções que professores e estudantes apresentam a respeito do perfil dos alunos da escola pública, seu papel nesse sistema e como utilizam-se do espaço escolar. O estágio foi realizado na E. E. Francisco de Assis Bittencourt, no município de João Câmara/RN. A pesquisa foi mediada pela aplicação de questionários semiestruturados, sendo entrevistados 17 estudantes e 9 professores do período matutino. Visualizou-se entre os entrevistados pontos convergentes e divergentes quanto à percepção de quem são esses estudantes. As divergências encontram-se relacionadas à postura em sala de aula, empenho dos alunos em sala, compreensão das disciplinas no cotidiano. Em relação às convergências visualizam-se a participação dos alunos em sala, quando se intitulam pouco participativos. Com tudo, foi possível notar que os estudantes apresentam em sua grande maioria uma forte relação com a escola, utilizando o espaço das mais variadas formas, chegando a passar mais de cinco horas dentro da instituição. Para os entrevistados a escola oferece as condições básicas necessárias para a realização das atividades das disciplinas, embora, eles reconheçam que há muito que avançar. Esse resultado constata que a escola desempenha um excelente papel na formação da cidadania oferecendo várias atividades extracurriculares que complementam a formação do estudante.

**Palavras-chave:** Formação inicial, Estágio Supervisionado, Espaço escolar.

## Introdução

A discussão hoje sobre a formação dos professores está baseada na rígida imposição de disciplinas que tratam de conteúdos técnicos ligados à área de formação dos professores. Contudo, ao longo do tempo, vem passando muitas modificações no que diz respeito às concepções na elaboração das grades curriculares dos cursos de licenciaturas, especificamente no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN. E diante disso, ao se aproximar do término do curso, os licenciandos são encaminhados às escolas para que possam pôr em prática os conhecimentos teóricos adquiridos dentro da universidade. Embora, esse tipo de iniciativa, comum em muitas instituições, ainda promova muitas críticas (LÜDKE, 2009).

O papel do educador é extremamente importante, principalmente quando diz respeito a sua formação, pensando nisso, a universidade e as escolas se esforçam para atender as necessidades básicas da atual conjuntura educacional do nosso país. Entretanto, o futuro professor, durante sua graduação deve passar por um momento fundamental, o Estágio Supervisionado, iniciando desta forma o desafio de ser professor, mesmo antes da conclusão do curso de licenciatura. É no momento em que o licenciando sai da universidade e retorna à escola, que ele conhece o desafio que assumiu ao optar pela docência. O futuro professor, precisa antes de tudo, refletir sobre o papel da escola e sobre a sua própria prática docente (BARREIRO; GEBRAN, 2006), sendo durante o Estágio Supervisionado que o professor em formação passa a refletir sobre as questões educacionais.

Mizukami (2002) entende a formação do professor como algo contínuo, que leva em consideração o desenvolvimento ao longo da vida. Pensando nisso, a construção do professor deve ter elementos de direcionamento, pensamento crítico sobre as ações pedagógicas, o conhecimento sistêmico e o pensamento voltado para aprendizagem dos estudantes (BARREIRO; GEBRAN, 2006). A escola é um espaço de construção e desenvolvimento da cidadania. As instituições escolares como ambientes formativos, que constitui dizer que as ações de organização e de gestão educam, isto é, podem criar ou modificar os modos de pensar e agir das pessoas. E cabe a escola, ser um espaço para fazer o licenciando refletir sobre o papel dela na sociedade, e seu papel quanto uma peça fundamental na consolidação da formação inicial quanto educador, sobretudo, a formação dos estudantes (LIBÂNEO; OLIVEIRA; TOSCHI, 2005).

Portanto, Schön (1983) defende a ideia do profissional reflexivo, ou seja, a do profissional que deve observar e analisar a sua conduta quanto

docente e quanto alguém que tem um papel crucial na formação cidadã dos estudantes. Zeichner (1998) reafirma que esse profissional deve refletir sobre sua prática, mas, sobretudo, sobre as condições do ensino, a forma como a educação é conduzida. Dessa forma, é durante o Estágio Supervisionado, que o licenciando assume a função de ser reflexivo, investigando as condições de ensino a nível local, para que possa compreender como sua prática é influenciada por tendências crescentes ou inibida por legislações específicas que regulam a sua atuação.

Mediante essas considerações esse trabalho tem como intuito compreender, a partir do Estágio Supervisionado, as percepções que professores e estudantes apresentam a respeito do perfil dos alunos da escola pública, seu papel nesse sistema e como utilizam-se do espaço escolar.

## **Metodologia**

O Estágio Supervisionado de formação de professores de Ciências Biológicas foi realizado na Escola Estadual Francisco de Assis Bittencourt (EEFAB) no ano de 2016. A instituição encontra-se no município de João Câmara/RN, a 75 km da capital do estado, Natal/RN. Para caracterizar as percepções de professores e estudantes foi realizada a aplicação de questionários semiestruturados, um destinado aos professores e outro aos alunos. O questionário é composto por 18 questões, contendo dois eixos: o do perfil dos participantes contendo 5 questionamentos, e o eixo de diagnóstico contendo 13 questionamentos. Os questionários diferenciam-se apenas no eixo referente ao perfil dos participantes, o questionário aplicado aos alunos apresentava perguntas referente à dados pessoais (idade, gênero) e informações referentes à escola (tempo em que estuda na escola, tempo de permanência diária na escola, preferência por disciplina). Enquanto que o questionário do professor caracteriza dados pessoais (idade e gênero) e dados profissionais (disciplina que ministra, carga horária e tempo de experiência).

Em relação ao eixo referente ao diagnóstico, apresentam 7 questões abertas e 5 questionamentos fechados. Dentre as questões fechadas identifica-se a pontualidade dos alunos, sua postura em sala, adequação quanto às vestimentas, categorização da indisciplina dos alunos, utilização de base de pesquisa e participação em sala de aula. Quanto às questões abertas, questionou-se aos participantes se existe algum problema com relação à base de pesquisa optada, o empenho dos alunos, dificuldades de aprendizagem, relação das disciplinas com o cotidiano do aluno, se almejam ingressar no ensino

superior, sobre atividade extraclasse, se a escola oferece condições mínimas ao processo de ensino-aprendizagem.

## **Resultados e discussão**

Os questionários foram aplicados a dezessete (17) alunos e nove (9) professores do período matutino. Ressaltamos que os questionários foram submetidos apenas a alunos e professores interessados em participar da referente pesquisa.

A caracterização do perfil dos alunos entrevistados identifica uma faixa etária variável entre 14 a 19 anos de idade, 59% são do sexo feminino, enquanto, 41% são do sexo masculino. Quanto ao tempo que estudam na escola 35% entraram esse ano (2016), 35% estudam a dois anos e 30% estudam a três anos na escola. Em relação ao tempo diário de permanência na escola 53% indicaram que ficam mais de cinco horas no ambiente escolar. O resultado da identificação da disciplina que apresenta maior interesse dos alunos não demonstrou expressividade em uma disciplina específica, obtendo 18% em História, 17% em Língua Portuguesa e Artes, 12% em Biologia e Educação Física, 6% em Matemática, Química, Sociologia e Inglês.

O perfil dos professores caracteriza-se por uma faixa etária variável entre 35 a 52 anos de idade, 56% são do sexo feminino, 44% do sexo masculino. São professores que ministram as disciplinas de Língua Portuguesa, História, Geografia, Matemática, Física, Filosofia, Biologia, enquanto apenas um, ministra três disciplinas diferentes: História, Espanhol e Geografia. Em relação ao tempo de experiência variou entre 5 a 31 anos, com carga horária variável entre 20 a 60 horas semanais.

Em relação ao eixo de diagnóstico das percepções de professores e estudantes sobre quem são os alunos da escola EEFAB do ponto de vista de seus principais atores, os três primeiros questionamentos inquiriam sobre a pontualidade dos alunos, postura em sala de aula e sobre a vestimenta na escola, tendo como opção de repostas os encores: “adequado”, “parcialmente adequado” e “inadequado”. Observou-se que a maioria dos estudantes julgam sua pontualidade, sua postura em sala e suas vestimentas adequadas (96%, 96% e 82%, respectivamente). Enquanto que para os professores, pontualidade e a postura dos alunos são consideradas parcialmente adequadas (78% ambas), e as vestimentas dos alunos foram consideradas adequadas (78%).

O resultado obtido com as respostas dos professores pode ser compreendido e corroborado com observações realizadas no ambiente escolar

durante o Estágio Supervisionado. Quanto à pontualidade dos alunos, os mesmos permaneciam pelos corredores socializando com colegas de turmas, e só entravam na sala de aula próximo dos quinze minutos de tolerância após o sinal. Em relação à postura dos alunos em sala, as conversas paralelas são as principais queixas dos professores. Já em relação à vestimenta, a escola só permite a entrada de alunos com roupas adequadas ao ambiente escolar, tais como calça ou saia longa e fardamento escolar.

O quarto questionamento inquiria sobre a responsabilidade da indisciplina dos alunos em sala de aula, para os estudantes 47% compreendem que o problema está no próprio aluno, 18% responsabilizaram a família, 23% atribuí ao professor, e 12% identificaram a escola como um todo. Para os professores a responsabilidade da indisciplina foi atribuída ao próprio professor (43%), enquanto que 33% a família do estudante, 11% a escola como um todo e 11% não respondeu.

A indisciplina é um tema de certa forma controverso, uma vez que pode estar relacionada a todos os agentes supracitados. Quando o problema está no aluno isso pode ocorrer por vários motivos, desde chamar atenção, devido alguma carência ou problemas familiares, estando associado com casos de agressividade familiar ou até mesmo na conduta do professor, por não saber lidar com o problema. A desatenção e/ou hiperatividade podem ser problemas associados a esses casos de indisciplina, sobretudo há uma limitação do profissional docente no reconhecimento do transtorno, isso prejudica o diagnóstico pelo professor, e isso corrobora para uma visão distorcida, criando “rótulos” negativos sobre o estudante (BENCZIK, 2002; SILVA; SANTOS, 2016).

A questão cinco solicitava que fosse identificada a base de pesquisa que os alunos usam com mais frequência, sendo identificado pelos estudantes que 88% usam a internet, enquanto que 12% usam os livros didáticos. Em seguida inquiria se a busca por esse tipo de base de pesquisa era considerada um problema, sendo unânime ao afirmarem que “não”. Os professores identificaram como base de pesquisa de seus alunos que 56% usam a internet e 44% afirmam que eles usam os livros didáticos. Quanto ao julgamento sobre as fontes de pesquisas de seus alunos, a maioria considera que não vê problema no uso da internet, mas ressaltam a importância de haver cautela nessa utilização, como citado na fala do Professor: *Considero como uma boa fonte de pesquisa, só precisa ter o cuidado em sua utilização e não esquecer os livros didáticos* (PROFESSOR 1).

De fato, a internet é uma tecnologia de informação fantástica, mas que se faz necessário preparar o estudante para saber utilizar os recursos tecnológicos para as atividades educacionais, e não apenas técnicas (DOWBOR, 2001). Pode-se ressaltar um problema

frequente, o fenômeno “copia e cola”, ou seja, os estudantes pegam da internet as informações que para eles são necessárias e se apropriam dos dados como se fossem de sua autoria, essas informações são colocadas em trabalhos escolares sem nenhuma reflexão sobre o que se leu (BRIZOLARA *et al.*, 2010). Muitas vezes essas informações nem são corretas, visto que neste ambiente pode-se postar de tudo sem ao menos uma verificação das informações. O uso de tecnologias da informação é fundamental na nossa vida moderna, mas não podemos nos esquecer de que essas ferramentas oferecem recursos que podem ser desvantajosas do ponto de vista educacional. Portanto, se faz necessário ensinar aos alunos a utilizarem da melhor forma possível, para que a internet seja mais uma fonte de consulta de dados, aliada ao ensino-aprendizagem (NETO; QUEIROZ, 2016). Cabe destacar que, o livro didático não deve ser excluído do ambiente escolar, assim, o estudante terá várias opções de consultas, cabendo ao professor apontar os melhores caminhos para a informação.

A questão seguinte questionava sobre o empenho dos alunos em aprender, os estudantes consideram-se empenhados em seu processo de aprendizagem (70%). Isso fica evidente em um fragmento representativo de um aluno: *Sim, porque eu quero um futuro melhor para mim e para minha família* (ESTUDANTE 1). Nesta frase pode-se observar que o estudante reconhece a importância da escola para sua formação cidadã, e ainda entende que será através da educação que poderá melhorar as condições de vida dele e de sua família. Contudo visualiza-se o caso de alunos que não demonstram empenho em aprender (12%) como visto na fala do estudante: *Não, porque se fosse, não estaria a três anos na 1ª série* (ESTUDANTE 2). Os outros 18% responderam com incerteza que são empenhados. Sendo comentado ainda pelos alunos que o problema está na preguiça de estudar, outro tocou no aspecto da falta de professores, que pode ser um fator desestimulante.

Para os professores, a maioria dos alunos se mostram empenhados em aprender (67%), porém muitos afirmaram que existe uma pequena parcela que de fato são empenhados. Essa resposta ficou evidente no fragmento representativo da resposta do professor: *Infelizmente não. Temos apenas uma minoria realmente interessada, o dia-dia acaba mostrando o não compromisso* (PROFESSOR 2). Um professor enfatizou que a parcela que tem compromisso, são os que estão focados para fazer o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A falta de empenho entre os alunos é comum em muitas instituições de ensino, e o problema pode apresentar várias raízes. Dentre muitos, destaca-se a desatenção e/ou hiperatividade. Esses sintomas podem se apresentar antes mesmo dos 12 anos de idade e trazer prejuízos na aprendizagem (APA, 2014).

A oitava questão inquiria sobre as dificuldades dos alunos em aprender, solicitando que indicassem essas dificuldades, para os estudantes a principal dificuldade está no barulho em sala de aula (72%), sendo considerado um fator que prejudica o processo de ensino aprendizagem. Outros estudantes justificaram que o cansaço é outro fator prejudicial (6%), uma vez que esses alunos residem na zona rural do município e, portanto, precisam acordar muito cedo, outros motivos citados está na dificuldade em permanecer concentrados (13%), desinteresse (6%), os outros 13% não responderam. Dentro dos motivos citados sobre as dificuldades de aprendizagem, os professores ressaltaram vários, os mais citados foram indisciplina (36%), a falta de incentivo da família (22%), o barulho (7%), ausência de leituras (7%), falta de perspectiva de sucesso em relação ao futuro (7%), falta de base escolar (7%), apontaram a idade (7%) e a ideia de que “já tem o que precisa e não precisam estudar” (7%).

Para Dreossi e Momensohn-Santos (2004) o ruído interfere na assimilação dos conteúdos, pois tira a atenção, prejudica a concentração, levando até a irritação e estresse, o que tira completamente o foco da aprendizagem. No entanto, a causa dessa dificuldade pode está na forma como o professor expõe os conteúdos ou pode ter uma causa neurobiológica, por meio de ansiedade, déficit de atenção ou hiperatividade (ROSA; DEPS, 2015). Todos esses e outros motivos podem estar relacionados às dificuldades de aprendizagem, porém cabe a um psicopedagogo fazer uma análise de cada caso para buscar uma melhor forma de ajudar cada jovem.

Ao questionar sobre o interesse em ingressar no ensino superior, os estudantes foram unânimes em dizer que “sim”, justificando que serão através do diploma que eles irão encontrar melhores condições de vida, como visualizado na resposta do aluno: *Sim, pois é um sonho que pretendo realizar para ter um futuro melhor* (ESTUDANTE 2).

Para os professores, 78% afirmam que os estudantes têm interesse, mas advertem que são poucos os que realmente correm atrás, um professor afirmou ainda, que a escola dá todo incentivo. Os outros 22% dizem que os estudantes não demonstram esse interesse.

A instituição, por sua vez, apresenta uma grande preocupação em oferecer da melhor forma possível, os conteúdos sistematizados das mais diferentes formas, tais como o uso do teatro, dança, seminários, oficinas, maquetes, além disso, procura dinamizar as metodologias de avaliação, contribuindo para a fixação dos conteúdos pragmáticos. As formas lúdicas de ensino mudam a posição do aluno, onde ele deixa de ser um agente passivo de informação, e se torna o principal atuante na transmissão de conhecimento a partir de atividades diferenciadas (COSCRATO; PINA; MELLO, 2010).

Em seguida foi questionado se existe correlação dos conteúdos visto em sala com o cotidiano dos alunos, 76% responderam “sim”, citando a matemática como exemplo. Para os outros 22% não há relação dos conteúdos com o dia-a-dia e não citaram os motivos que os levaram a responder negativamente.

Todavia, 80% dos professores compreendem que seus alunos conseguem ver relação das aulas com o cotidiano, como visto na resposta do professor: *Sim. Pois eles perceberam que há a necessidade de se utilizar da linguagem de forma coerente* (PROFESSOR 3).

Dos 20% que consideram que os alunos não conseguem visualizar essa relação, embora o professor se esforce para que eles a compreendam. Eles enfatizam a falta de compreensão dos alunos, como visto na resposta do professor: *Não. Tentamos sempre que possível fazer essa relação com o cotidiano, mas são poucos que se atentam a isso* (PROFESSOR 4). É bem verdade que a relação dos conteúdos com o dia-a-dia se dá quando a aprendizagem é significativa, ou seja, quando o conhecimento novo se interconecta com o conhecimento pré-existente (AUSUBEL; NOVAK; HANESIAN, 1978), daí o indivíduo se torna capaz de fazer novas conexões com elementos do seu cotidiano. Para isso, algumas estratégias podem ser utilizadas por professores e alunos para a efetiva aprendizagem significativa. Araújo (2010) sugere a utilização de mapas conceituais, isso porque além dele ser autoexplicativo, ele ainda organiza todas as ideias centrais de uma dada informação. Portanto, é possível notar o interesse dos professores em ensinar conteúdos que tenham relação com coisas práticas do cotidiano dos estudantes, mas que muitas vezes os métodos não funcionam com alguns alunos, cabendo ao professor e ao discente buscarem formas diferentes para atingir a aprendizagem significativa proposta por Ausubel, Novak e Hanesian (1978). A décima primeira questão solicitava que estudantes e professores classificassem os alunos quanto à sua participação nas aulas em: **Muito Participativo** - questiona na medida em que surgem as dúvidas, contribui na aprendizagem dos demais, dialoga com o docente e colegas sobre assuntos ligados à aula, trazendo informações do cotidiano; **Pouco Participativo** - dependendo do assunto da aula, dialoga; **Nada participativo** - não questiona, atrapalha a aprendizagem dos demais, conversa assuntos sem relação com o tema da aula. Os estudantes se consideram 59% “pouco participativo”, enquanto que 41% se classificaram como “muito participativo”. Para os professores, 33% classificam os estudantes como “muito participativos”, enquanto 67% classificaram como pouco participativos. A participação é um fator fundamental para a eficiência na aprendizagem. Entretanto, para que o aluno participe, é necessário que a escola, como um espaço para socialização e construção da cidadania cumpra



o seu papel, sobretudo, é necessário que o professor saiba reconhecer que a ausência de participação pode prejudicar o processo de ensino-aprendizagem (SILVA, 2011).

O questionamento seguinte referia-se à participação dos alunos em atividades extraclasse em horários alternativos da aula, tais como: esporte, oficinas, atividades artístico-culturais etc. Os resultados dos estudantes identificam que 82% responderam que sim. Sendo evidenciado o interesse dos alunos por atividades que diferem das realizadas em sala de aula, porém dentro do ambiente escolar. Contudo, 18% responderam que não realizam atividades extraclasse, justificando que não gostam ou que moram longe, e por falta de transporte não podem participar. Os professores afirmam que a maioria dos seus alunos participam de atividades extraclasse (67%), e citam o Projeto Ensino Médio Inovador (Pró-EMI), além de atividades desportivas, enquanto 33% disseram que não, que a pesar da escola oferecer vários tipos de atividades, nem todos podem participar. A escola dispõe de atividades complementares como oficinas/minicursos nos contra turnos, disponíveis apenas para os estudantes do turno matutino e vespertino. Essas atividades complementares são fruto do Pró-EMI, que é destinado aos alunos do período diurno (matutino e vespertino). O primeiro semestre de 2016 os professores da referida escola ainda estavam em processo de formulação e planejamento das atividades complementares que serão oferecidas aos estudantes.

A última questão inquiria aos estudantes e professores se a escola fornece as condições mínimas para o ensino-aprendizagem. A maioria dos estudantes respondeu que “sim” (76%), porém comentaram que deveria melhorar ainda mais, como visualizado na resposta do aluno: *Bom, sim, ela fornece, mas creio que deveriam melhorar a merenda escolar* (ESTUDANTE 1).

A maioria dos docentes respondeu que a escola fornece as condições mínimas (89%), afirmando que a escola dá todo o suporte necessário para que os professores possam desempenhar um excelente trabalho: *Sim. Aqui especificamente temos condições mínimas. Salas agora climatizadas, lousa digital, Datashow, material de expediente, etc. [...] Apesar de que esse aluno não quer esperar por um horário tendo outros vagos* (PROFESSOR 1).

Todavia, teve professor que respondeu que “não” (11%): *Não. O laboratório para realização de práticas fica a desejar, não temos materiais* (PROFESSOR 2). Essa queixa exposta pelo professor é frequente em muitas escolas públicas. A literatura mostra que está ligada a questões políticas, uma vez que faltam recursos para a educação básica. Libâneo (2001) ressalta que a gestão deve ter compromisso pela qualidade da educação. Diante disso, é necessário dá condições de permanência na instituição, uma vez que pequenos detalhes podem desmotivar o estudante, causando a sua evasão. No caso acima representado, o aluno

destaca que a merenda deve ser melhorada. Algumas literaturas apontam certo descaso nesse ponto. Para uma escola que quer oferecer atividades extracurriculares, é necessário oferecer uma alimentação de qualidade para permanência e a realização efetiva das atividades educativas.

Outros estudantes responderam que a escola não oferece condições mínimas ao processo de ensino-aprendizagem, e demonstraram insatisfação como visto na resposta do aluno: *Não, tudo que eles fazem nunca está bom para mim e para os outros* (ESTUDANTE 2). Para esse estudante, mesmo com a atuação da gestão escolar, ainda predomina a insatisfação por parte de alguns alunos. Entretanto, um ponto que deve ser destacado, está no perfil dos alunos que responderam algo semelhante ao fragmento acima destacado, onde o perfil aponta que são jovens que só ficam na escola no período de aulas, e, portanto, não aproveitam o que o ambiente escolar tem a oferecer. Enquanto que, 6% disse que a escola apresenta parcialmente as condições básicas, enquanto os outros 6% não responderam à pergunta.

Para Lück (2000) a complexidade da educação exige esforços efetivos, além da participação de todos os seus agentes, não sendo apenas objetivo da escola o ensino para preparar o estudante para as séries elevadas. A escola deve oferecer as condições necessárias para o exercício da cidadania, desenvolvendo competências e habilidades para a vida em sociedade. O autor deixa claro que para a concretização da formação educacional, é necessário o empoderamento. Talvez o não cumprimento da função dos estudantes que apresentam essa concepção está na falta de participação escolar, ou seja, eles não reconhecem a real função da instituição de ensino. Vale salientar, que segundo as observações dos autores deste artigo, a escola apresenta as condições para a formação cidadã dos estudantes.

### **Considerações finais**

O presente trabalho investigou a percepção dos estudantes e professores sobre a forma como os alunos utilizam o espaço escolar, sobretudo, quem são esses estudantes. Entretanto, a pergunta central desse trabalho tem um caráter reflexivo e está longe de ser conclusivo. De toda forma, visualizou-se entre os alunos e professores pontos convergentes e divergentes quanto à percepção de quem são esses estudantes. Nota-se que a maioria dos alunos diz ter uma boa conduta na escola, enquanto que para os professores isso não é visualizado.

Em relação às convergências, visualizam-se a participação dos alunos em sala quando se auto intitulam pouco participativos, sendo corroborado pelas respostas dos professores. Com tudo, foi possível notar que os estudantes utilizam o espaço escolar das mais variadas

formas, chegando a passar mais de cinco horas dentro da instituição. A partir dessa investigação conclui-se que os estudantes são sujeitos dotados de posturas diversas, que não aceitam o modelo mecanicista de aprendizagem, são sujeitos críticos, participativos e reconhecem a função da educação, embora existam algumas exceções.

Esses resultados constataam que a escola desempenha um excelente papel na formação da cidadania, demonstrando que o objetivo traçado no Projeto Político Pedagógico – PPP está sendo atingido. Com relação aos recursos, os entrevistados afirmam que a escola oferece as condições básicas para a realização das atividades, embora, eles reconheçam que há muito que avançar.

A organização do espaço escolar é fundamental para o andamento das atividades e o pleno exercício das funções, assim como Lück (2000) descreve em seu livro sobre as dimensões da gestão escolar. Segundo essa autora, a gestão é indispensável para o andamento da escola, destaca ainda que os profissionais devem ser bem treinados. E com relação à escola E. E. Francisco de Assis Bittencourt, tanto a direção, quanto a equipe pedagógica atuam de forma transparente e democrática pautados nos objetivos do PPP.

O retorno à escola é imprescindível quanto estudante de licenciatura, pois até então quando se está na educação básica muitas vezes as práticas docentes, à postura do aluno, o modo como se utiliza o espaço escolar nunca são refletidas. Sem a reflexão do futuro professor sobre educação como um instrumento de transformação, da instituição de ensino como espaço dotado das diferenças, críticas sociais, questionamentos e respostas da vida cotidiana não serão evidenciados na formação de um educador crítico.

## **Referências**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION/APA- DSM V. **Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais**. 5.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2014.

ARAÚJO, M. F. F. Ações para uma aprendizagem significativa no ensino superior de Microbiologia. **Revista da SBEnBIO**, n° 3, out., 2010.

AUSUBEL, D. P., NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. **Educational psychology: A cognitive View**. 2.ed. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1978.

BARREIRO, I. M.; GEBRAN, R. A. **Prática de ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores**. 1.ed. São Paulo: Avercamp, 2006.

BENCZIK, E. B. P. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: atualização diagnóstica e terapêutica: características, avaliação, diagnóstico e tratamento: um guia de orientação para profissionais**. 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRIZOLARA, R. M. R. *et al.* Os prós e os contras: internet como meio de pesquisa no processo de ensino-aprendizagem de Biologia. **Revista da SBEnBIO**, nº 3, out., 2010.

COSCRATO, G.; PINA, J. C.; MELLO, D. F. Utilização de atividades lúdicas na educação em saúde: uma revisão integrativa da literatura. **ACTA**, Guaíra- SP, v. 23, n. 2, pp. 257-263, 2010.

DOWBOR, L.. **Tecnologias do conhecimento**: os desafios da educação, 2001. Disponível em:<<http://dowbor.org/2013/09/tecnologias-do-conhecimento-os-desafios-da-educacao.html/>> Acesso em: 24 jul. 2016.

DREOSSI, R. C. F.; MOMENSOHN-SANTOS, T. M. A interferência do ruído na aprendizagem. **Revista Psicopedagogia**, v. 21, n. 64, pp. 38-47, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. 1.ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F.; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar**: políticas, estrutura e organização. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LÜCK, H. Gestão escolar e formação de gestores. **Em Aberto**, v. 17, n.72, p. 1-195, fev-jun. 2000.

LÜDKE, M. Universidade, escola de educação básica e o problema do estágio na formação de professores. **Revista Brasileira de pesquisa sobre formação docente**, Belo Horizonte, v. 01, n. 01, 2009.

MIZUKAMI, M. G. N. **Escola e aprendizagem da docência**: processos de investigação e formação. 1.ed. São Carlos: EdUFSCAR, 2002. 203 p.

NETO, R. B. O.; QUEIROZ, I. R. **A cultura digital no contexto escolar: o uso das mídias em favor da aprendizagem**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO, 2., Natal. Anais... Natal: UFRN, 2016.

ROSA, G. P.; DEPS, V. L. Desatenção do aluno e estratégias de aprendizagem no contexto escolar. **Revista Científica Interdisciplinar**, nº 4, vol. 2, out-dez., 2015.

SCHÖN, D. **The reflective practitioner**. Nova York: Basic Books. 1983.

SILVA, M. H. F. M. **A formação e o papel do aluno em sala de aula na atualidade**. Universidade Estadual de Londrina. 58p. 2011.

SILVA, S. P.; SANTOS, C. P. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade: desafios à formação docente inclusiva**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISAS E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO, 2., Natal. Anais... Natal: UFRN, 2016.

ZEICHNER, K. Para além da divisão entre professor-pesquisador e pesquisador acadêmico In: GERALDI, C. M. G.; FIORENTINI, D. e PEREIRA, E. M. A. (orgs.). **Cartografias do trabalho docente**: Professor (a) pesquisador (a). Campinas: Mercado das Letras/ALB. 1998.